



Um estudo sobre a estruturação (macro e micro) e a caracterização de dicionários ideológicos

Thyago José da Cruz

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5562-8485>

thyago.cruz@ufms.br

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar os aspectos estruturais (macro e micro) e as características de um tipo específico de obra lexicográfica onomasiológica: o dicionário ideológico, e sua diferenciação com o do tipo analógico. Para isso, baseou-se nos pressupostos de Babini (2006) e Quemada (1967) sobre a definição e caracterização desses repertórios. As discussões partem do conceito geral de onomasiologia (BALDINGER, 1966), de projetos lexicográficos (HAENSCH, 1982; MARTÍNEZ SOUZA, 2009) até chegar ao objeto de estudo “dicionário ideológico”. Para a delimitação do dicionário ideológico, empregou-se a análise de dois exemplares em específico: o *Thesaurus of the english words and phrases*, de Peter Mark Roget, publicado no ano de 1852, e o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, ideias afins, thesaurus, de Azevedo (2010). Os resultados mostram que o dicionário brasileiro de Azevedo (2010) possui uma vinculação e similaridade muito forte com o seu antecessor, o *Thesaurus*, e que, embora aquele se denomine “analógico”, ao ver desta pesquisa, caracteriza-se muito mais como um repertório lexicográfico ideológico.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia; Onomasiologia; Dicionário ideológico.

A study on the structuring (macro and micro) and characterization of ideological dictionaries

ABSTRACT

This research sought to analyze the structural aspects (macro and micro) and the characteristics of a specific type of onomasiological lexicographic work: the ideological dictionary, and its differentiation from the analogue type. For this, it was based on the assumptions of Babini (2006) and Quemada (1967) on the definition and characterization of these repertoires. The discussions start from the general concept of onomasiology (BALDINGER, 1966), from lexicographical projects (HAENSCH, 1982; MARTÍNEZ SOUZA, 2009) until reaching the object of study “ideological dictionary”. For the delimitation of the ideological dictionary, the analysis of two specific copies was used: the *Thesaurus of the English words and phrases*, by Peter Mark Roget, published in the year 1852, and the *Analogous Dictionary of the Portuguese Language, related ideas, thesaurus*, by Azevedo (2010). The results show that the Brazilian dictionary by Azevedo (2010) has a very strong connection and similarity with its predecessor, the *Thesaurus*, and that, although it is called “analog”, from the perspective of this research, it is characterized much more as an ideological lexicographic repertoire.

KEYWORDS: Lexicography; Onomasiology; Ideological Dictionary.



1. Introdução

Os aspectos metodológicos advindos da onomasiologia e da semasiologia estão atrelados à própria constituição do signo linguístico: “o duplo aspecto do signo linguístico condiciona o duplo aspecto do método linguístico” (BALDINGER, 1966, p. 35). Essas duas estruturas estão em constante desenvolvimento. Logo, a evolução linguística se realiza tanto por meio de um quadro de estrutura semasiológica quanto onomasiológica: ora parte-se da palavra para se atingir um pensamento, ora parte-se de um pensamento para alcançar uma palavra.

Castilho e Carratore (1967) reconhecem a importância das pesquisas de cunho onomasiológico, enfoque deste artigo, pois há nelas uma preocupação de caráter estrutural em que se assume como ponto de partida uma noção qualquer e se busca incidir distintas designações a ela relacionadas. Logo, procede-se um exame de uma variedade de expressões da língua que formam um campo lexical.

Há registros de que a lexicografia onomasiológica surgiu muito antes dos estudos puramente linguísticos sobre esse tema. Segundo Olímpio de Oliveira Silva (2011), já havia, anteriores à era cristã, a Onomástica egípcia e a Onomástica clássica: modelos de dicionários onomasiológicos que constituíram uma tentativa de organizar o mundo e categorizá-lo por meio do significado. Conforme Riva (2008), foi somente em 1903, em pesquisas sobre línguas românicas realizadas na Suíça, que o termo Onomasiologia teve origem e emprego nos estudos linguísticos. Posteriormente, centra-se em Roget, com o *Thesaurus of English Word and phrases*, doravante TOEWAP, o mérito de idealizar um dicionário dotado de metodocidade, demonstrando uma nova forma de organização e ordenação das palavras a partir de conceitos.

Este artigo pretende aprofundar a discussão sobre a estruturação (macro e micro), além das características fundamentais de um modelo específico de obra onomasiológica: o dicionário ideológico. Para isso, dividem-se as discussões nas seguintes seções: 1) a tipologia dos dicionários onomasiológicos; 2) projeto lexicográfico, macro e microestrutura: aspectos gerais; 3) o projeto lexicográfico em dicionários ideológicos; 4) a macroestrutura em dicionários ideológicos; 5) a microestrutura em dicionários ideológicos; e considerações finais.

2. A tipologia dos dicionários onomasiológicos

Segundo Silva (2007), há três tipos de obra onomasiológica: os dicionários temático, analógico e ideológico. O temático, ou ordenado por matérias, é em geral de caráter bilíngue ou multilíngue, podendo subdividir-se em: a) obra didática – coleta o vocabulário básico ou mais frequente da língua e o sistematiza dentro de uma ordem orgânica, conforme seus contextos de usos mais frequentes; b) dicionário e vocabulário terminológico – englobam vocabulários de uma matéria especializada (da economia, da linguística, etc.) e os ordena também de um modo orgânico (HAENSCH, 1982, p. 168).

Ao dissertar sobre dicionários analógicos (também sobre os ideológicos), faz-se necessário discutir o termo “analogia”. Para Babini (2006, p. 40), compreende-se como o processo pelo qual os lexemas se ligam pelo sentido, unem-se uns aos outros por meio de um grupo de ideias, por

relações de causa, efeito, meio, dentre outros. Logo, os dicionários analógicos devem possibilitar que o consulente encontre as palavras quando se sabe somente a ideia ou o conceito que elas representam. Um índice alfabético para uma localização mais rápida desses termos é muito comum nesse tipo de repertório.

Gaudin e Guespin (2000) concebem os dicionários analógicos como aqueles que contêm um sistema de relações que circundam uma palavra, isto é, há um processo em que há uma ideia comum envolta por palavras que a ela se ligam. A organização, portanto, caracteriza-se como nocional, não se tratando de um sistema de remissivas, mas de uma organização por graus de parentescos de sentido, no qual se prefigura um desenho de campos lexicais.

Faulstich e Oliveira (2007, p. 3) defendem que o propósito de um dicionário analógico não consiste em descrever o significado de uma palavra e não se propõe a responder “[à] questão ‘O que é X?’”, como um dicionário comum [como o Houaiss ou o Aurélio]. Ao contrário, estabelece o lugar de X e suas relações no interior de um conjunto nocional e possibilita que, nesse conjunto, as expressões formem um campo conceptual”. Portanto, esse tipo de repertório não oferece uma descrição do significado, mas indica um grupo de palavras articuladas por meio da ideia que expressam.

Alguns pesquisadores, como Biderman (1984), Albuquerque (2013) e Vilarinho (2013), equivalem a expressão de “dicionário ideológico” a de “analógico”. No entanto, concorda-se com Babini (2006, p. 40) que, ao constatar que muitos pesquisadores concebem como equivalentes os termos *thesaurus*, dicionário ideológico e dicionário analógico, percebe haver “uma diferença entre o objeto denominado e o objeto definido”.

Os países de línguas neolatinas e de anglo-saxônicas tiveram como grande influenciador para a planificação e elaboração de dicionários ideológicos o TOEWAP, de Peter Mark Roget, publicado no ano de 1852. Para Quemada (1967), todas as obras lexicográficas que possuem uma macroestrutura semelhante à do TOEWAP de Roget podem ser consideradas dicionários ideológicos.

Nessa perspectiva, considera-se também como equivalentes os termos *Thesaurus* e dicionário ideológico. Essa assertiva está fundamentada também em Babini (2006, p. 38): “A denominação dicionário ideológico ganhou a preferência dos países de língua latina, enquanto que, nos países de língua inglesa, a tendência foi a de chamar de *thesaurus*”. Como exemplos desse tipo de obra, há o *Diccionario Ideológico de la lengua española*, de Julio Casares Sánchez (1990 [1959]); o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*, de Carlos Spitzer (1953) e o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, ideias afins, thesaurus* (DALPIAT), de Azevedo (2010), os quais, embora sejam cunhados como analógicos, podem ser classificados como ideológicos. Já os dicionários que se aproximam à macroestrutura do *Dictionnaire analogique de la langue française: répertoire complet des mots par les idées, des idées par les mots*, de P. Boissière (1862), podem ser classificados como dicionários analógicos (como o *Chave dos dicionários*, obra portuguesa do ano de 1892, de A. P. do Amaral).

Conforme assinala Babini (2006), não há uma profunda distância entre os dicionários ideológicos (de tradição rogetiana, isto é, os que seguem o TOEWAP como modelo) e os analógicos (de tradição boissieriana, ou seja, os que seguem o *Dictionnaire analogique de la langue françai-*



se, de Boissière como modelo). Para os primeiros, encontram-se, além do prólogo, um plano de classificação de ideias, os quadros sinópticos, uma parte analógica (conjunto de palavras ligadas às ideias presentes nos quadros sinópticos) e um índice com todas as palavras (ideias) presentes no dicionário, listadas em ordem alfabética, podendo apresentar as definições. Já no que se refere aos dicionários analógicos, nestes coexistem numa mesma página uma parte alfabética, em que se listam todas as palavras (ideias) presentes no dicionário, e uma sintética, em que se agrupam as palavras em torno de uma ideia principal ou palavra-chave por meio de analogia.

Percebe-se, conforme Babini (2003, p. 40), que uma das diferenças principais entre os dicionários ideológicos e os analógicos é a presença, nos primeiros, de um plano de classificação de ideias e de quadros sinópticos, pois o mecanismo de analogia, empregado por ambos, parte dos mesmos princípio e funcionamento. Considera-se como “analogia”, para os dois modelos de obras, o mecanismo semântico que liga as palavras umas às outras por meio de suas ideias, relações de causa-efeito, meio, sinonímia, antonímia, dentre outros. Por isso, embora muito próximas, defende-se ser pertinente a separação entre esses dois tipos de obras onomasiológicas, de modo que não sejam denominadas simplesmente como “dicionários analógicos” pelo fato de o ideológico possuir duas seções a mais que o analógico, as quais devem (ou ao menos deveriam) estar pautadas em critérios semânticos (e até culturais) para a sua elaboração.

Em face do exposto, detém-se, a seguir, nas delimitações das macro e microestrutura de um dicionário ideológico. Todavia, antes de continuar, é pertinente ressaltar ao menos dois pontos: o primeiro é de que o termo “ideológico”, no âmbito da Lexicografia onomasiológica, está mais relacionado ao vocábulo “ideia” (no sentido de campos nocionais, conceituais, semânticos, lexicais) do que de “ideologia” (de aspecto filosófico, social, político etc.); o segundo é o de delimitar o que se considera como planejamento, macroestrutura e microestrutura em uma obra lexicográfica.

3. Projeto lexicográfico, macro e microestrutura: aspectos gerais

Nesta seção, com o intuito de tornar mais clara a análise dos dicionários ideológicos, examinam-se somente conceitos gerais sobre os elementos que compõem a estrutura lexicográfica: o planejamento, a macro e a microestrutura dos dicionários.

A metalexicografia exposta na obra de Haensch (1982, p. 396-451), bem como em Martínez de Souza (2009, p. 32), recomenda que antes da elaboração de um repertório lexicográfico, o redator deve esboçar um planejamento ou uma programação daquilo que se pretende construir. Esse projeto lexicográfico deve conter dois tipos de informações gerais:

- A primeira deve demonstrar as características gerais da obra (formato, extensão, número de entradas potenciais, etc.); finalidade (objetivo que se pretende alcançar com a redação do dicionário); delimitação de seu público-alvo (a que grupo de usuários se destina: tradutores? Estudantes? Especialistas? Etc.); modo de extração (de quais fontes foram obtidas); seleção das unidades, bem como a fundamentação teórica que as delimita e as insere em cada campo de sentido das categorias e subcategorias presentes nos quadros sinópticos

e na parte analógica (quais as unidades do léxico, a partir de posicionamentos teóricos adotados para sua delimitação, foram escolhidas para compor a nomenclatura e se houve a indicação de uma teoria semântica para a delimitação dos campos); e, por fim, o modo de organização (onomasiológico ou semasiológico, por exemplo);

- A segunda parte do planejamento deve elencar os membros da equipe editorial, da coordenação de atividades, as divisões de tarefas etc. (não se detém neste artigo numa discussão mais pormenorizada desse segundo planejamento, já que depende de algumas variáveis, como a comercial).

Delimitado o planejamento, direciona-se para a redação da macro e da microestrutura do dicionário. Esses termos, com relação às obras lexicográficas, foram cunhados por Rey-Debove (1971). Em concordância com a estudiosa, Haensch e Omeñaca (2004, p. 45-46) definem macroestrutura como a organização dos materiais léxicos que constituem o corpo de um dicionário, em conjunto com o prólogo (prefácio) e, em muitos momentos, também com uma introdução fonética e gramatical, com as instruções para o consulente e com os anexos (que podem estar na forma de lista de nomes geográficos, lista de abreviaturas, lista de siglas, informações culturais sobre a civilização cuja língua é abordada, entre outros).

No que se refere ao modo de organização, pode dar-se por meio de ordem alfabética, ordem alfabética inversa (inicia-se pela terminação da palavra e apresentam-se todas as outras que coincidem com essa terminação), por família de palavras (como a recomendada a dicionários etimológicos em que se pode apresentar em um verbete todos os lexemas relacionados a um determinado étimo), ou mediante um sistema de conceitos (como nos onomasiológicos) (HAENSCH, 1982, p. 45). Em uma síntese, para Haensch (1982), em geral, a macroestrutura¹ de um dicionário pode estar composta de:

- uma parte introdutória (páginas titulares, prólogo, introdução e instrução ao usuário)²;
- o corpo do dicionário (conjunto do material léxico ordenado mediante critérios pré-estabelecidos);
- e os anexos.

Enquanto a macroestrutura, consoante ao assinalado por Rey-Debove (1971), corresponde ao conjunto de entradas cuja leitura se dá de um modo vertical, a microestrutura refere-se ao que está contido nos verbetes, como o lema (entrada, palavra-entrada, palavra-chave ou

¹ Conforme Fuentes Morán (1997), outra divisão e terminologia possíveis para a estrutura lexicográfica corresponderiam a: Hiperestrutura (a estrutura global do dicionário), a *Front matter* (onde se localizam, potencialmente, a apresentação da obra, informações sobre o uso, lista de abreviaturas e outras informações que o lexicógrafo julgue necessário expor no início da obra); a *Word list* (agrupamento das unidades tratadas no dicionário); e a *Back Matter* (as partes finais da obra). Além disso, na *Word List*, é possível encontrar *Middle Matter* (intervenções, como ilustrações, localizadas em lugares específicos da macroestrutura) e a *Medioestructura* (estrutura polissêmica de caráter informativo, como os exemplos de uso). Hartmann (2001) ainda define a *Outside Matter* (união da *Front Matter*, *Middle Matter* e *Back Matter*).

² Martínez de Souza (2009, p. 280) denomina “rol de princípios” essa parte inicial que vem antes do corpo de dicionário (incluindo, neste rol, a cortesia – duas a quatro páginas em branco que podem aparecer – e os princípios do dicionário – folha de rosto, contracapa, página de direitos autorais, dedicatória, epígrafe, índice, apresentação, prólogo, introdução e agradecimentos).

voz-guia) e as informações a eles relacionados, seguindo uma leitura horizontal (HAENSCH, 1982). O corpo do dicionário, portanto, está dividido por essas unidades mínimas denominadas *verbete*.

Cada verbete se inicia por um lema, isto é, “a representação gráfica lexicalizada de uma unidade léxica que é objeto de descrição”³ (HAENSCH; OMEÑACA, 2004, p. 46, tradução nossa). Quando uma unidade lexical passa a ser representada por um dado lema e encabeça um verbete, denominamos esse processo de lematização. Para esses mesmos estudiosos, a microestrutura pode configurar-se em um dicionário como: enunciado do lema; indicações sobre a pronúncia, etimologia, as variantes gráficas, morfológicas, as categorias gramatical e de número, as restrições de uso, a sinonímia e a antonímia, as possíveis combinações léxicas, os aspectos sintáticos mais relevantes; e as definições, com as mais diversas acepções e exemplos de uso. Além disso, Zavaglia (2012) adverte que há a possibilidade de o lexicógrafo inserir qualquer tipo de informação sobre o lema em sua microestrutura.

Delimitados alguns aspectos gerais sobre o projeto lexicográfico, a macro e microestruturas em obras lexicográficas, volta-se o olhar sobre esses pontos mais especificamente em dicionários ideológicos.

4. O projeto lexicográfico em dicionários ideológicos

O projeto lexicográfico norteia-se pela caracterização geral da obra, a determinação de sua finalidade e público-alvo, o modo de extração e seleção das unidades, além dos aspectos teóricos empregados para a delimitação e organização desses repertórios lexicográficos. A seguir, analisam-se, com relação às informações obtidas sobre esse ponto, o TOEWAP, o primeiro dessa modalidade; e o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*, de Azevedo (2010), um de seus herdeiros na Lexicografia Brasileira.

4.1. *Thesaurus of the English words and phrases*, de Roget, TOEWAP, (1911 [1852])

O TOEWAP, primeiro modelo dos dicionários ideológicos tal como é reconhecido nos dias de hoje, foi elaborado pelo inglês Peter Mark Roget, quem catalogou inicialmente, para seu próprio uso⁴, um inventário de 15 mil lexemas classificados mediante categorias, ordenados onomasiologicamente e relacionados pelos processos de analogia. Na edição de 1911, os responsáveis acrescentam à obra palavras consideradas obsoletas, gírias, americanismos e outras expressões não inseridas inicialmente na obra. A finalidade desse dicionário foi a de oferecer os conceitos e as palavras que se inter-relacionam, destinando-se principalmente a escritores e, especialmente, a tradutores.

³ “[...] la representación gráfica lexicalizada de una unidad léxica que es objeto de descripción”.

⁴ Não há registros que atestem o modo da recolha nem as teorias que orientaram a delimitação e a seleção dessas unidades do léxico.

4.2. Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, ideias afins/ *thesaurus*, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (DALPIAT)

Ainda que possua, no próprio título da obra, a menção do termo “analógico”, prefere-se classificar, neste trabalho, em consonância com Quemada (1967) e Babini (2003), o DALPIAT como um exemplo de dicionário ideológico, uma vez que sua macroestrutura é muito semelhante com o TOEWAP (1911).

A obra tem como finalidade proporcionar ao consulente a busca de uma unidade do léxico com as suas análogas, em uma rede semântica estruturada num esquema arbóreo de classificações, indicando que se tenta promover relações de sentido com todas as unidades do caudal léxico da língua portuguesa.

O dicionário, segundo as palavras do professor emérito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Leodegário A. de Azevedo Filho, quem assina o prólogo, está destinado a todos os que falam, escrevem, estudam e amam a língua portuguesa (não só em sua variante brasileira, mas as de outras nações lusófonas), razão pela qual se justifica o denso volume da obra.

O DALPIAT, com suas quase 800 páginas e aproximados 100 mil lexemas (palavras e expressões), organiza essas unidades de um modo onomasiológico, estabelecendo relações de analogia. Não se explicita no dicionário qual foi o método de extração e a teoria pelos quais se embasou para realizar a seleção desses lexemas, apenas informa que “Tomando essa base [a da analogia], fruto de mais de uma década de pesquisa e registro, que veio à luz em 1950, a [editora] Lexicon preservou em quase sua totalidade os critérios do autor [...]” (DALPIAT, 2010, p. IX).

Em um quadro comparativo (quadro 1), notam-se as semelhanças e diferenças dos planejamentos dos referidos dicionários.

QUADRO 1. O projeto lexicográfico em dicionários ideológicos

Obra	Finalidade	Público-alvo	Modo de extração das unidades	Seleção das unidades	Fundamentação teórica	Modo de organização
TOEWAP	Oferecer os conceitos e as palavras que se inter-relacionam	Escritores e tradutores	Não há registro	Lexemas e expressões	Não há registro	Onomasiológico
DALPIAT	Oferecer as unidades do léxico relacionadas com suas análogas, por meio de uma rede semântica assentada em um esquema arbóreo de classificações	A todos os falantes, os que escrevem, estudam e amam a língua portuguesa	Não há registro	Palavras e expressões	Não há registro	Onomasiológico

Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Observa-se que as obras analisadas se aproximam, no que se refere à finalidade, ao público-alvo, às unidades selecionadas e ao modo de organização. Nota-se também que não demonstram em que teoria lexicográfica se apoiam, nem os métodos de recolha e montagem do inventário, os quais poderiam ser de fontes primárias ou secundárias. Ademais, chama-se a atenção para o fato de não ter sido indicada a teoria que embasou e atestou a inserção das unidades lexicais dentro dos campos de sentido com relação a cada categoria ou subcategoria presente nos quadros sinóticos e na parte analógica.

A seguir, estão os pontos relacionados à macroestrutura dessas obras.

5. A macroestrutura em dicionários ideológicos

A macroestrutura dos dicionários ideológicos compõe-se de seções que lhe são peculiares. Em geral, ademais da parte introdutória, está estruturada em duas grandes seções: a primeira, que se sustenta pela organização em campos lexicais (há o plano de classificação das ideias, os quadros sinóticos e a parte analógica) e a segunda, que organizada como um dicionário semasiológico, oferece os lemas em ordem alfabética e pode possuir as definições a eles relacionadas. Se houver as definições, essa seção pertence ao corpo do dicionário. Caso não, às partes finais. Apresentam-se, a seguir, como essas partes estão dispostas nos dicionários escolhidos para a análise.

5.1. *Thesaurus of the English words and phrases, TOEWAP, (1911 [1852])*

A obra inicia-se com as páginas titulares (em que se incluem o brasão da universidade ao qual a obra se vincula; as páginas de cortesia; uma com o retrato do autor; uma com o título, subtítulo, editora e localidade da impressão; outra com o ano de publicação). Após isso, além do prólogo, no qual se indica principalmente o objetivo da obra, e de uma seção demonstrando como se deve proceder o uso do dicionário (a fim de encontrar sinônimos, antônimos, palavras adequadas para expressar uma ideia; ou encontrar palavras apropriadas ou novas ideias para uma determinada matéria), a parte inicial da obra de Roget está dividida em outras três seções: o plano de classificação; o quadro sinótico de categorias; uma lista de reduções (que contém, em duas páginas, as abreviaturas e a explicação sobre o *space-saving device*); em seguida, há o corpo do dicionário (parte analógica cuja elaboração está relacionada com o quadro sinótico); e, por fim, o índice de palavras (sem as definições) em ordem alfabética.

O plano de classificação organiza os lexemas em seis grandes categorias lexicais, a saber: relações abstratas, espaço, matéria, intelecto, volição, afeições. No quadro sinótico, este plano é explorado com mais detalhes, momento em que se expõem as classes que o compõem, como se pode notar a seguir:

QUADRO 2. Categorias lexicais do plano de organização

Relações abstratas	Espaço	Matéria	Intelecto	Volição	Afeições
Existência; Relação; Quantidade; Ordem; Número; Tempo; Mudança; Causa;	Em geral; Dimensão; Formato; Movimento;	Em geral; Inorgânico; Orgânico;	Formação de ideias; Comunicação de ideias;	Individual; Intersocial;	Em geral; Pessoal; Simpática; Moral; Religiosa;

Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Essas classes ainda estão subdivididas em um total de 1000 subitens classificatórios. Na sequência, encontram-se, na seção denominada de lista de reduções, as abreviaturas empregadas na obra e o *space-saving device*, em que se exemplificam como os morfemas são usados em algumas situações, nos verbetes, para evitar a repetição de alguma sílaba ou termo comum de cada palavra em um mesmo grupo, como em: “‘abs-, ex-, re-cision’ = ‘abscision’, ‘excision’, ‘recision’” (ROGET, 1911, p. 23).

Já no corpo do dicionário, desenvolvem-se os verbetes, por meio do mecanismo de analogias (como as oposições, sinonímia, polissemia, agrupamento de palavras por meio de radicais ou morfemas derivacionais), relacionados aos elementos desenvolvidos nos quadros sinópticos. Em outras palavras, dispõem-se, na obra analisada, a categoria (relações abstratas, por exemplo), a classe (existência, por exemplo), a subclasse (o ser, na abstração) e os verbetes com os conceitos e as unidades do léxico que a eles se referem.

No índice, considerado como a parte final do dicionário, o consulente tem à sua disposição todos os lexemas presentes no TOEWAP acompanhados de uma numeração que o remeterá à seção em que se encontram essas unidades lexicais. Esse índice se encontra na parte final da obra e dispõe as palavras em ordem alfabética.

5.2. Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, ideias afins/ *thesaurus*, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (DALPIAT)

Com relação à macroestrutura do DALPIAT, em sua segunda edição, há: páginas titulares (uma com o nome do autor, título, subtítulo, número da edição e da impressão; uma com a declaração de Francisco Buarque de Holanda sobre a sua paixão por dicionários de analogia e, em especial, pelo DALPIAT), o prólogo, a apresentação, as instruções de uso, as abreviaturas, a classificação das palavras, o quadro sinóptico de categorias, a primeira parte e o índice alfabético.

O prólogo do DALPIAT expõe, em seu início, as outras obras lexicográficas e gramaticais lançadas pela editora. Em seguida, delimita a finalidade e o público-alvo do referido dicionário.

rio. A apresentação do DALPIAT, a cargo dos editores, inscreve a obra na filiação do dicionário de Peter Mark Roget e anuncia uma das filosofias adotadas, um tanto quanto pretensiosa, isto é, a de munir todos os usuários da língua portuguesa de todas as ferramentas que sejam possíveis para o bom uso do idioma. Defende-se ainda que o *thesaurus* possibilita a ampliação do entendimento e da capacidade de encontrar as palavras e expressões que melhor representem o que se anseia exprimir. Adverte-se ainda que, como a primeira edição do DALPIAT remete-se à década de cinquenta do século XX, acrescentaram-se alguns outros lexemas que foram surgindo até o período atual do presente século.

A seção denominada “Como usar este dicionário” enfatiza que a obra foi produzida com a finalidade de proporcionar aos seus leitores uma sugestão de palavra ou expressão que se liga a uma rede de lexemas e expressões análogas, quando somente se tem a ideia do que se quer exprimir e se deseja uma sugestão de como fazê-lo. Salienta-se que a busca pode ser realizada por meio dos grupos analógicos (os quais são denominados também como árvore classificatória) e do índice geral. Após essa seção instrucional, passa-se à de abreviaturas.

A denominada árvore classificatória (ou grupos analógicos) se subdivide em duas partes: a classificação das palavras e o quadro sinóptico de categorias. A primeira constitui-se de seis áreas maiores (as classes) que se ramificam em outras vinte e quatro divisões. Com relação a esse plano de classificação, percebe-se que o DALPIAT utilizou, como fonte, a categorização de Roget, apenas traduzindo seus termos. No que se refere às subdivisões, é possível perceber que o dicionarista se baseou nas categorizações do modelo clássico, de Platão e Aristóteles, complementadas com adaptações apresentadas na obra de Roget.

A segunda parte dos grupos analógicos corresponde aos quadros sinóticos de categorias. Trata-se de um esquema detalhado de todos os grupos presentes na obra, delimitados pela área de conceito. Há, nele, as classes ramificadas pelas divisões. Ao lado dessas, há um terceiro nível de ramificação (as subdivisões) que chegam ao número de mil elementos (como o *Thesaurus*, de Roget). O DALPIAT dispõe os elementos antonímicos das subdivisões em colunas de lados opostos e os que não possuem essa oposição, na coluna central.

A terceira seção corresponde à parte analógica em que os elementos se agrupam por relações semânticas. A última parte da obra contém o “Índice Geral”, correspondendo a uma lista, ordenada alfabeticamente, de todas as palavras contidas na parte analógica. Pode ser utilizada pelo consulente no momento em que já se conhece qual lexema pesquisar, mas se deseja saber quais são as outras unidades a eles correspondentes semanticamente. Ao lado de cada palavra ou expressão estão todos os números que remetem aos grupos que a unidade em questão se encontra. Por exemplo, em “ceder a palma (insucesso) 218, 706”, tal disposição indica que a locução verbal se localiza nos verbetes 34 (Inferioridade) e 879 (Humildade), junto a outros termos análogos. Caso a unidade seja cabeça de verbete, esta é marcada em negrito. Além disso, após o índice alfabético, encontram-se dados sobre os responsáveis técnicos da editora e informações sobre o local de impressão da referida obra.

O quadro 3 sintetiza um comparativo dessas obras no que se refere à macroestrutura.

QUADRO 3. Macroestrutura dos dicionários ideológicos

Obra	Parte introdutória	Corpo do dicionário	Partes finais
TOEWAP	Páginas titulares, prólogo, instruções de uso, plano de classificação, quadro sinóptico, lista de reduções	Parte analógica	Índice de palavras em ordem alfabética
DALPIAT	Páginas titulares, prólogo, apresentação, instruções de uso, as abreviaturas, a classificação das palavras, o quadro sinóptico das categorias	Primeira parte (parte analógica)	Índice alfabético, lista com os nomes dos responsáveis técnicos da editora e informações sobre o local da impressão da obra

Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Embora as seções possam denominações variadas, é possível perceber a semelhança macroestrutural entre elas e sua vinculação com a obra que lhe é referência, isto é, o TOEWAP. Passa-se, no próximo tópico, à análise da microestrutura dos dicionários ideológicos.

6. A microestrutura nos dicionários ideológicos

A parte analógica dos dicionários ideológicos analisados pode ser considerada como detentora de uma microestrutura, pois, em concordância com Moreno Moreno (2012, p. 147-148), a microestrutura de uma obra lexicográfica pode ser representada não somente por uma perífrase definicional, com exemplos ou citações, mas também por uma organização do léxico, de um modo lógico, dentro de um grupo conceitual. Logo,

a microestrutura [dos dicionários ideológicos] fica delimitada por duas estruturas básicas, por um lado, a) a etiqueta hiperonímica ou epígrafe, que funciona como signo lemático e se desdobra em uma indicação semântica elementar ampliando a microestrutura para a direita e b) a indicação lemática múltipla, isto é, os grupos e subgrupos de palavras organizados por proximidade semântica (MORENO MORENO, 2010, p. 147, tradução nossa).⁵

Como exemplo, cita-se o verbete “preso”, presente na parte analógica do DALPIAT (2010, p. 357):

▼754. **Preso**, prisioneiro, escravo, ilota, cativo, detento, detido, *detenu*, recluso, detruso, pássaro encarcerado, forçado de galés, condenado, penitenciário, presidiário, grilheta. V. estar preso 751. **Adj.** aprisionado &751, algemado, acorrentado, agrilhado, amarrado, encarcerado, enclausurado.

Em que “Preso”, em negrito, corresponde à etiqueta hiperonímica (epígrafe, ou indicação semântica elementar); o numeral “754”, o número-índice de classificação lógica; e os demais

⁵ “[...] la microestructura [de los diccionarios ideológicos] queda diseñada por dos estructuras básicas, por un lado, a) la etiqueta hiperonímica o epígrafe, que funciona como signo lemático y despliega una indicación semántica elemental ampliando la microestructura hacia la derecha y b) la indicación lemática múltiple, esto es, los grupos y subgrupos de palabras organizados por proximidad semántica”.

lexemas, os subgrupos léxicos (indicação lemativa múltipla). A partir desse posicionamento, verifica-se como estão dispostas as microestruturas nos dicionários analisados.

6.1. *Thesaurus of the English words and phrases, TOEWAP, (1911 [1852]): microestrutura*

A microestrutura deste dicionário, diferente de outras obras de caráter semasiológico em que se apresenta a definição, constitui-se nesta ordem de apresentação no verbete: o número-índice, a etiqueta hiperonímica e as indicações lemativas múltiplas, nas quais há uma série de relações conceituais realizadas por meio da analogia. No que se refere às categorias gramaticais, os elementos obedecendo à seguinte disposição de aparecimento no verbete: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Como exemplo, para o lema *existence* há, na sequência do verbete, uma série de substantivos (*existence, being, entity, [...]*), verbos (*exist, be, have –being [...]*) e adjetivos (*existing, existente, under the sun, [...]*) como informações sobre essa palavra-entrada.

Ainda com relação à sua disposição no verbete, quando se trata de unidades antônimas, há casos em que se relacionam os elementos da seguinte forma: palavras antônimas separadas por uma “neutra”/ “intermediária” (por exemplo: *begining, middle, end*); duas antônimas separadas por uma intermediária que se configura como uma negação das outras duas (*desire, indifference, aversion*); ou quando a intermediária é a palavra *standard* com relação aos extremos em que é relacionada (*insufficiency, sufficiency, redundance*). Já para a correlação de ideais entre as palavras, deve-se levar em consideração seus possíveis sinônimos (*beginning; commencement, opening*), seu potencial caráter polissêmico (*impertinent*, como *irrelative* ou *rudeness*) e seu referente (*new*, para coisas, e *young*, para pessoas).

Acerca das marcas ou etiquetas, a obra possui: diacrônica (*obsolete*) e de nível, registro ou estilo (literário – indicando muitas vezes qual o autor que a empregou; vulgar), além das informações de categoria gramatical.

6.2. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, ideias afins/ thesaurus, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (DALPIAT): microestrutura*

A ordem de apresentação dos elementos na microestrutura obedece à função morfossintática (primeiro os que exercem a função de substantivos, logo os de verbos, os de adjetivos, advérbios, interjeição, preposição e conjunção). As etiquetas hiperonímicas, antecedidas pelo número índice, estão em negrito e são acompanhadas pelas informações lemativas, sem esse realce. Se um dos elementos presentes nas informações do verbete analógico estiver acompanhado de uma numeração, esta é uma orientação para que se busquem mais unidades análogas no grupo a que se remete aquele número. Por exemplo, em “**13**. Identidade, comunidade, coincidência, semelhança perfeita, indistinção, paridade absoluta, aderência, coalescência, aglutinação, convertibilidade, igualdade 27, sinonímia, identificação, consubstanciação; [...]” (AZEVEDO, 2010, p. 6), o número “27”, ao lado de “igualdade” significa que o consulente pode encontrar outras unidades análogas no verbete de numeração 27 (“Igualdade”).



Ainda para a parte analógica, cabe ressaltar que se demonstram, em alguns momentos, marcas (como depreciativo, desusado, brasileirismos). Há também a ressalva sobre esta seção, destacada na parte instrucional, de que algumas unidades lexicais ou fraseológicas podem aparecer repetidas vezes em um mesmo grupo; isso acontece quando tais elementos são de classes gramaticais diferentes ou por adquirirem significados distintos em contextos variados.

Como nas seções anteriores, segue um quadro comparativo dos dicionários analisados (quadro 4), a partir do que eles apresentam como microestrutura.

QUADRO 4. Microestrutura em dicionários ideológicos

Obra	Parte analógica	Índice alfabético
TOEWAP	Número índice, a etiqueta hiperonímica e as indicações lemáticas múltiplas; marca diacrônica, nível, registro ou estilo e informações de categoria gramatical.	Há somente a remissão da parte alfabética à analógica por meio de numerações, sem a presença de definições.
DALPIAT	Número índice, etiqueta hiperonímica, informações lemáticas múltiplas. Pode conter marcas (de nível, de uso e de registro; diatópica); informações de categoria gramatical.	Há somente a remissão da parte alfabética à analógica por meio de numerações, sem a presença de definições.

Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Com relação à microestrutura, nota-se que na parte analógica há uma constante dos elementos (número-índice, etiqueta hiperonímica, indicações lemáticas múltiplas). Já no que tange às marcas e às informações gramaticais, depende da escolha de cada lexicógrafo, explicitada na parte introdutória do dicionário. Cabe ressaltar que, no índice alfabético, há somente as remissões dos elementos dessa parte aos da analógica, por meio de numerações. Esse registro ocorre diferentemente ao do dicionário de Casares Sánchez (1990 [1959]), em que na parte do índice alfabético, além das remissões, há a definições dos termos lematizados.

Considerações finais

Apresentadas essas observações e análises dos dicionários, pode-se perceber, principalmente, que o DALPIAT se espelha na macroestrutura do TOEWAP, a primeira das obras considerada como um dicionário ideológico, mediante os critérios de Quemada (1967) e Babini (2003). Essa macroestrutura consiste principalmente em: partes iniciais (prólogo, plano de classificação, quadro sinóptico); corpo do dicionário (parte analógica e o índice alfabético, se tiver provido de definições); e as partes finais (índice alfabético, se estiver sem as definições, e ficha técnica da obra e da editora e/ou indicações de outras publicações, caso seja uma exigência editorial).

É pertinente reiterar que, embora o DALPIAT possua no próprio título o termo “analógico”, para esta pesquisa, constitui-se de um dicionário ideológico, que não está isento da analogia, haja vista que esse mecanismo semântico se evidencia, marcadamente, em uma de suas seções (parte analógica). No que se refere ao projeto lexicográfico e à microestrutura da parte analógica dessas obras, nota-se uma grande similaridade entre elas.

FINANCIAMENTO

Este trabalho não contou com o financiamento de nenhuma instituição de fomento à pesquisa.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora declara que não existem conflitos de interesses no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Felipe Iszlaji. **Modelo linguísticocomputacional para um dicionário analógico digital**. 2013. 264 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara.

AMARAL, Antonio Peixoto. **Chave dos Dicionários**. Porto: Lopes, 1892.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/ thesaurus**. 2 ed. atualizada e revista. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 2, p. 38-41, 2006.

BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 9, 1966.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A ciência da Lexicografia. **ALFA: Revista de Linguística**. São Paulo, n. 28 (supl.), p. 1-26, 1984.

BOISSIÈRE, Prudence. **Dictionnaire analogique de la langue française: répertoire complet des mots par les idées, des idées par les mots**. Paris: Aug. Boyer, 1862.

CASARES SÁNCHEZ, Julio. **Diccionario ideológico de la lengua española**. Barcelona: G Gili, 1990 [1959].

CASTILHO, Ataliba Teixeira; CARRATORE, Enzo Del. Onomasiologia no léxico e na sintaxe. **Alfa: Revista de Linguística**. v.11, 1967.

FAULSTICH, Enilde; OLIVEIRA, Michelle Machado de. Para que serve um dicionário analógico? Um estudo de lexicografia comparativa. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades**, p. 1-16, 2007.

FUENTES MORÁN, María Teresa. **Gramática en la lexicografía bilingüe. Morfología y sintaxis en diccionarios español-alemán desde el punto de vista del germanohablante**. Tübingen: Niemeyer (Lexicographica, Series Mayor 81), 1997.

GAUDIN, François; GUESPIN, Louis. **Initiation à la lexicologie française: de la néologie aux dictionnaires**. Bruxelas: Éditions Duculot, 2000.

HAENSCH, Günther. **La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.



HAENSCH, G.; OMEÑACA, C. **Los diccionarios del español en el siglo XXI: problemas actuales de la lexicografía, los distintos tipos de diccionarios: una guía para el usuario**. 2 ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.

HARTMANN, Reinhard R. K. **Teaching and researching lexicography**. London: Longman, 2001.

MARTÍNEZ DE SOUZA, José. **Manual básico de Lexicografía**. Gijón: Ediciones Trea, 2009.

MORENO MORENO, María Águeda. El diccionario ideológico general del español. **Revista Alfinge**, 2012, 24, p. 129-154.

OLIMPIO DE OLIVEIRA SILVA, Maria Eugenia. Enfoque onomasiológico y fraseografía: cuestiones teórico-prácticas. *In*: PAMIES BERTRÁN, Antonio; LUQUE NADAL, Lucía; PAZOS BRETANA, José Manuel (org.) **Multi-lingual phraseography: Second Language Learning and Translation Applications**. Schneider Verlag, Baltmannsweiler, 2011.

REY-DEBOVE, J. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. Paris: La Haye, Mouton, 1971.

SILVA, Maria Cristina Parreira. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (orgs.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, p. 283-293, 2007.

QUEMADA, Bernard. **Les dictionnaires du français moderne: étude sur leur histoire, leur type et leurs méthodes**. Paris: Didier, 1967.

RIVA, Huéinton Cassiano. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. São José do Rio Preto, 2008, 315 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2008.

ROGET, Peter Mark. **Roget's Thesaurus of English Words and Phrases**. TY Crowell Company, 1911. Disponível em: <[http://www.searchengine.org.uk/dailyebook/Roget%27s%20Thesaurus%20\(1911\).pdf](http://www.searchengine.org.uk/dailyebook/Roget%27s%20Thesaurus%20(1911).pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SPITZER, Carlos. **Dicionário analógico da língua portuguesa** (5ª ed.). Porto Alegre: Globo, 1953.

VILARINHO, Michele Machado de Oliveira. **Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa**. 2013. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: Lexicografia. *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** Volume 1. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.